

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHICO, 9
TELEFONE 59-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Problemas de Educação

UMA cena escabrosa passada alguns dias, presenciada por uns tantos e chegada ao nosso conhecimento, leva-nos a formular a pergunta que já aqui um dia levantámos.

— O que sabem os pais de seus filhos e, especialmente, de suas filhas? Assunto melindroso é este que muito importa esclarecer. Esboçemos este quadro que nos foi transmitido oralmente sem lhe acentuar os contornos nem lhe avivar as imagens.

A senhora é professora e recebeu a visita de um garoto de tre-

ze anos a quem tinha habilitado para o exame de admissão aos liceus e que lhe ia comunicar o seu triunfo nas provas do primeiro ciclo. Recebeu-o a senhora com efusões de sincera alegria, a quem estimava e a quem já havia dois anos não via. Como tal beijou-o e abraçou-o. Curta foi a visita porque o rapazote a certa altura cortou: — Desculpe minha senhora não me demorar, mas tenho uma entrevista marcada com a rapariga mais engraçada cá do Bairro. A senhora conhece-a, é a Zizi «Tinha a menina idade condizente com a do ultra-conquistador». E o empertigado D. Juan continuou todo fogoso ante o pasmo da boqui-berta senhora. «Um dia destes telefonei lá para casa e atendeu-me a mãe. Perguntei pela filha e disse que lhe queria marcar uma entrevista. Afogueou-se a boa da mãe e disse-me que a filha era ainda muito nova e não atendia a quem a requestava. Foi a minha vez de eu me sentir ofendido e perguntar-lhe: A senhora sabe com quem está falando? Eu sou um homem sério»... Não

(Conclui na 6.ª Página)

FOI DESCOBERTO O ANTIGO SARCÓFAGO de S. Gonçalo de Lagos

NO passado dia 16 de Agosto, na capela-mor da Igreja da Graça, do lado da epistola, procedeu-se à demolição do tabique de tijolo que, desde 1894, tapava o arco de alvenaria, sob o qual se encontravam: em cima, um nicho resguardado por grades de ferro salientes; ao meio uma inscrição em azulejos; e em baixo o sarcófago em pedra trabalhada, feito em 1492 para conter os ossos de S. Gonçalo de Lagos, cuja figura é representada na tampa, em relevo. Tudo intacto e conforme as descrições dos autores das biografias do Santo e das monografias de Torres Vedras, à parte ligeiras inexactidões.

Assistiram aos trabalhos o pároco da vila e o sr. Arquitecto José Vitorino da Costa Bastos, cujas diligentes investigações, abriu o caminho para a descoberta de tão interessante conjunto arqueológico e documental, referente ao glorioso varão algarvio.

COISAS & LOISAS DE OLHÃO (3)

A FALTA DE ZELO...

APESAR dos esforços feitos pela Câmara Municipal de Olhão, para evitar as dezenas de camiões que diariamente transitam pela singular avenida da República, manchando-a de gorduras e salmouras, das quais emanam nauseabundos cheiros, nada se fez para a resolução deste grave problema.

Precisamente no seio da grande via olhanense os camiões que transportam peixes frescos de diversos pontos do país, são obrigados a uma fiscalização por parte das autoridades que aí, e há muito tempo, estabeleceram o seu pósto de contróle. Não é de modo algum aceitável que se continue nesse propósito quando um outro posto poderia ser criado, e distante do centro da vila.

Na estação do Caminho
(Conclui na 6.ª Página)

UM MODERNO ESTABELECIMENTO DE ENSINO EM S. BRÁS DE ALPORTEL

ENCONTRA-SE em adiantado estado de construção os trabalhos para implantação dum belo edifício escolar — o Colégio de S. Brás — em S. Brás de Alportel, situado na Estrada para Loulé, no sítio da Gralheira, que, na opinião de pedagogos que o têm visitado, será um dos mais modernos que

o nosso país possui no género.

Não é de mais realçar o alto valor educativo e social de que se reveste a referida construção numa terra onde, até há bem pouco tempo, não possuía um único estabelecimento de ensino secundário.

As gerações mais novas eram obrigadas a deslocarem-se à capital algarvia a fim de aí frequentarem o liceu, a escola técnica ou os seus colégios o que ainda tornava mais dispendiosa para as famílias a educação dos seus filhos.

A constatar esta afirmação está o facto de o número de inscrições de matriculas para o próximo ano lectivo no colégio em vias de

(Conclui na 6.ª Página)

IDÍLIO OU AMIZADE...



Yves Montand regressou a Paris, após ter terminado as filmagens da sua última película em Hollywood, em que contracenou com Marilyn Monroe. Dizem que entre ambos nasceu um idílio amoroso. Ele diz que não; ela, sorri, simplesmente. Nós perguntamos, também simplesmente: idílio ou... amizade?

HOMENAGENS a duas professoras do Ensino Primário

EM sessão pública, o Governador do Distrito do Funchal, comandante Camacho de Freitas, entregou as insígnias de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública às professoras madeirenses D. Luísa Amália Brito Figueiroa e D. Teresa Maria de Vasconcelos.

ESTÁ A TORNAR-SE REALIDADE A Futura Zona Internacional de Turismo Aiamonte - Vila Real de Santo António

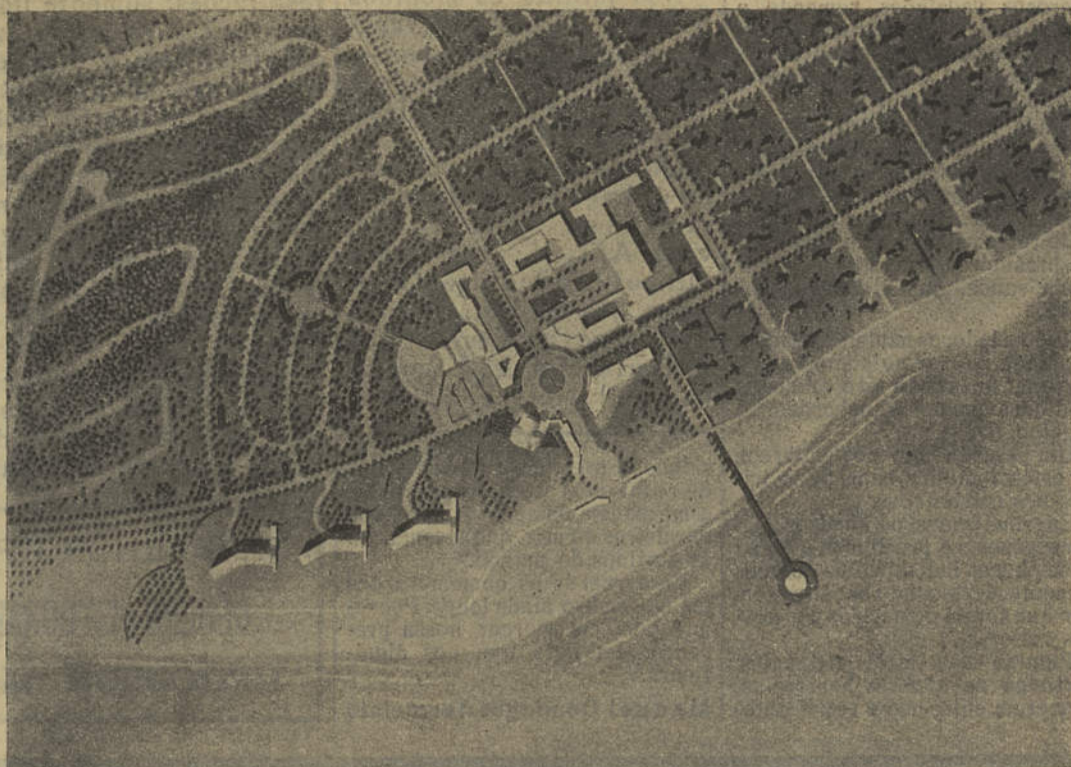
CONFORME noticiámos no nosso passado número de 17 de Julho, estão a envidar-se todos os esforços na vizinha cidade de Aiamonte no sentido de se tornar realidade o arrojado projecto que o antigo Alcaide de Aiamonte D. Narciso Navarro, espírito dinâmico e empreendedor, vai

levar a cabo numa obra grandiosa que terá características únicas em toda a Europa.

Neste arrojado projecto onde se inclui a construção de uma moderna cidade para os turistas que ali venham passar as suas férias e que comportará 18.000 veraneantes, estão projecta-

das as construções de dois magníficos hotéis, três pensões residenciais, um hipódromo, um parque de campismo, um campo de golf e vários campos de ténis, será o mais arrojado projecto turístico que se fez em Espanha no dizer de D. Narciso Navarro.

(Conclui na 5.ª Página)



Projecto da zona de turismo a erguer em Aiamonte, que se estenderá desde Punta del Moral até à barra de Isla Cristina. Tem como arquitecto o sr. Ventura Gonzáles (E. Unidos) e como engenheiro o sr. Rafael Gomes de los Reyes

ESTÁ QUASE CONCLUÍDA A CONSTRUÇÃO de um Moderno Colégio EM VILA REAL DE Sto. ANTÓNIO

● Lotação para 350 alunos. 1.200 metros quadrados de área coberta e 2.100 metros quadrados de área descoberta para recreio

PODE Vila Real de Santo António ufaná-se, como poucas terras da província o podem fazer, do seu ensino primário, técnico e liceal.

O ensino primário encontra-se na vila instalado em dois formosos e difíceis; o técnico instalou-se provisoriamente e por decisão da vontade da Câmara Municipal em uma ampla casa onde outrora esteve funcionando uma fábrica e cujo projecto de construção definitiva foi agora a concurso pela importância de oito mil e quarenta e sete contos. Faltava a instala-

ção conveniente do ensino liceal por muito tempo trabalhando em precárias condições num edifício particular. Como este não é de carácter oficial urgia que alguém individual ou colectivamente se abalancasse a essa empresa de tão largo alcance social para esta região. E esse alguém apareceu na pessoa do industrial senhor Desidério de Jesus Rosa que mostrou ser assim homem de lar-

gas iniciativas não entesourando só pelo prazer de amontoar capitais inactivos e por isso improdutivo. Resolvemos por esse motivo procurá-lo.

Encontrámo-lo em plena rua e a sorrir perguntámos-lhe pelo seu colégio.

E acentuámos este seu porque, presentemente, o sr. Desidério Rosa vive para a sua obra.

Poi a sorrir também que aquele senhor nos convidou a procurá-lo no edifício em construção para lá nos dar as necessárias indicações.

(Conclui na 2.ª página)

Conta Gotas Férias

Arribo, num dia de Sol, a estes lugares de tanta recordação. A primeira coisa que faço é matar a fome do coração e dos olhos. Visito as árvores que sombreiam os caminhos; estão na mesma, e calmas e pacificadoras mais que nunca. Visito os mirantes, bons para sonhar, barcos de evasão para os quais sou boa timoneira... Visito as pontinhas cheias de humildade, iguais a si próprias... Nada mudou. Tudo em seus lugares, bem arrumadinho.

(Conclui na 3.ª página)

Crónica de FARO

(2) Luzes DA CIDADE

Por Rui Rebocho

SOL, bola de fogo fonte da vida, desapareceu há pouco no horizonte, deixando a cidade numa total semi-obscuridade. Um ou outro passeante para quem o tempo não conta, advertido pela presença da noite, retoma o caminho do lar.

A cidade parece morta por momentos.

Calaram-se os gritos dos arduas, das buzinas dos automóveis, das crianças brincando nos jardins. Os pardais redopiam em torno das árvores, procurando abrigo.

E a noite, A noite misteriosa, poética e sonhadora.

A pouco e pouco, aqui e além, surge uma luz. Acendem-se os candeeiros das ruas, das praças e avenidas. As lojas iluminam as suas montras, no hábito quotidiano.

(Conclui na 2.ª página)

Comemorações HENRIQUINAS NO ALGARVE

► Evocação Henriquina em Olhão

Por MANUEL DOMINGOS TERRAMOTO

TÊM alcançado o maior esplendor inúmeros actos comemorativos que neste ano no V Centenário da Morte do Infante Navegador, vêm honrar a memória do Príncipe dos Mares.

Dos mais distantes lugares nos chega o eco das celebrações com projecção pelo mundo fora, que mais elevanta o gigante da Inclita Geração fadado para altos desígnios. Erguem-se padrões, levantam-se monumentos, deslindam-se glórias ignoradas da gente lusitana.

O Algarve, berço das navegações, é testemunha da apoteótica jornada do Presidente da Nação-Irmã. Centro irradiador da conquista do mundo ensombrado que o horizonte escondia, Sagres, aresta algarvia, irrompeu pelo mar indicando o caminho que a novas terras levava. Ali, na rampa das

naus leveiras dos pioneiros do mar, apresenta-se o Brasil co-herdeiro do glorioso passado comum que o tempo bifurcou.

Escusamo-nos da comemoração das majestosas cerimónias que então se desenrolaram e que mais nos ligaram à fraterna nação. Inesquecível a galharda gentileza do Dr. Juscelino Kubitschek ao oferecer a viagem ao Brasil da jovem algarvia que rompendo o acanhamento, ante a encantadora popularidade do ilustre hóspede, lhe disse ser esse o seu sonho mais caro.

O Algarve esboçou programas de cerimónias que vários Municípios concretizaram. Mas nem todos figuraram naquele honroso elenco, e cismamos no seu porquê.

Olhão, terra de notáveis tradições náuticas, já prestou a sua

(Conclui na 2.ª página)

UM HOTEL NO BARRANCO DO VELHO

Entrou na Câmara Municipal de Loulé para a aprovação o ante projecto de um hotel com 110 quartos e piscina.

O hotel é construído segundo uma técnica moderníssima, dando-lhe um lugar de relevo entre outras unidades congéneres já realizadas no Algarve. Por este motivo não só a província se regozija, como também Barranco do Velho, recebendo tão grande iniciativa e logo nas primeiras «demarches» que se tem feito para o seu engrandecimento turístico.

Comemorações Henriquinas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

homenagem ao Infante de Sagres, já se antecipou nas comemorações já consagradas o mais universal vulto português.

Um painel de azulejos ilustra o Infante no debrum de sacro rochedo, de perfil altaneiro, desafiando as sereias e a fúria de Neptuno, que as visões humanas povoam nos largos oceanos. Essas visões e o Adamastor que atorriavam os mais destemidos marinheiros, venceu-os a persistência do Infante Navegador, que já mais desistiria perante os maiores ceticismos. Ilha após ilha. Cabo após Cabo. desvendam-se os mistérios do mar, domam-se os seus furores, desfazem-se as lendas, abrem-se caminhos, toca-se o novo mundo.

Aquele painel que enriquece o Jardim João Serra é página de história no banco esquecida, embora levantada. Não longe, no dito jardim, outra alegoria se desenha, singrando caique de Olhão, entre alterosos vagalhões, rumando a Santa Cruz. Desaparecendo as sereias, acalmaram-se os monstros, surge a Virgem Padroeira, a sua Fé o encaminha.

Ainda noutro quadro vemos a chegada triunfal dos mareantes de Olhão, na frágil embarcação, vencido o temeroso mar, rente a bojuda caravela, que a tranquilidade repousa. Calorosa recepção de brasileiros-irmãos nossa audácia sauda, nossa chegada celebra.

Lado a lado, os azulejos evocam afinidade no mar no plano local e nacional, misturando análogas tradições que nos transbordam de orgulho.

Um passado que nos enobrece na esteira náutica henriquina, impõe-nos celebrações.

Engrinaldemos os quadros que consagramos e prestemos a nossa homenagem, individual ou colectivamente, destacando os feitos sem par que foram cometidos por nossos maiores.

Figuras das mais eminentes, versadas na história henriquina, nasceram entre nós e têm a auto-

CRÓNICA DE FARO
LUZES DA CIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

diano de mostrar sempre as últimas novidades.

Começam o seu jogo nocturno, os reclames luminosos das casas comerciais.

Campião... Dione... Arbuez... Campião... Campião... Dione... Dione... Arbuez... Arbuez... Singer... Singer... Singer...

E' um jogo de efeitos, de luzes, de cores.

A cidade ressuscita. Surgem os ruídos nos cafés, nos restaurantes, nas ruas.

Nos jardins os meninos brincam de novo, as raparigas solteiras passeiam — de cá p'ra lá — sorrindo e distribuindo «Boas-Noites». Já toda a gente ri.

Ouvem-se nas telefonias os últimos êxitos da música italiana, agora tão em voga. A T. V. apresenta o último filme dos Jogos Olímpicos. No S. Luís Parque choram-se as desventuras de Sarita Montiel e riem-se das palhacices e fanfarro-

ridade, o prestígio e a sensibilidade requeridos para transmitir a mensagem da epopeia naval dos cavaleiros do mar que levantaram as cortinas do mundo.

Encerram-se as comemorações em Novembro ainda longe. Pensemos pois em marcar nossa presença, em acto que nos dignificará.

Manuel Domingos Terramoto

nadas do malgrado Pedro Infante. Sentados nas esplanadas dos cafés, os «doentes de bola» discutem sobre a possível vinda dos «espanhóis», que, (no dizer de alguns) vêm nos barcos de cabotagem que trazem a palma dos portos espanhóis do sul. Mas parece-me que a palma ainda está verde!

De súbito, na euforia da algarviada que se evola da «Baixa», o grito lancinante de uma sereia, se faz ouvir.

Calam se as bocas, suspendem-se os gestos e as respirações, somente ficam no ar os sons importunos das telefonias e dos tele-receptores, bestas mecânicas feitas pela mão do homem, mas insensíveis à dor. Os olhares cruzam-se inquiridores, e toda a gente, numa expectativa angustiante une se na dor. Saber quem é, e o que foi, é neste momento o desejo de todos.

Numa louca correria contra o tempo e contra a morte, a ambulância passa, deixando atrás de si o rasto

sangrento do seu silvo agudo, em direcção ao hospital.

Os mais curiosos, ocorrem ao local, para satisfazerem aquele desejo sincero e humano, de saber quem foi, mas deparam com um desconhecido ensanguentado, deitado numa maca.

Malgrado desconhecer-se a sua identidade, assiste-se no entanto a uma manifestação colectiva de piedade.

Mas a vida não pode parar, somente porque um homem está gravemente ferido. A massa anónima dissolve-se, e, passados alguns minutos, já este quadro trágico da vida, caiu no esquecimento público.

As raparigas solteiras, passeiam de novo pelo jardim, sorrindo e falando. Ouvem-se de novo as crianças brincando nos jardins, as músicas nas telefonias, os locutores da T. V. anunciando o show de Nat «king» Cole e já se discute de novo nos cafés — a bola. A noite é assim.

Misteriosa, Poética e Sonhadora. Rui Rebocho

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS A CORES
GÉNERO LITOGRAFICOS, EM ENVOLTÓRIOS
TIPOCOLOR Trav. 18 de Junho, 7 - OLHÃO

COLÉGIO
DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Conclusão da 1.ª página)

Fomas uma tarde e lá o encontramos.

Amavelmente o senhor Rosa serviu-nos de elucidativo cicero. Acentuemos desde já que o colégio terá o ciclo completo dos liceus o que oferece uma grande vantagem sobre o anterior que só tinha o 2.º ciclo.

Além disso e é muito interessante focarmos este aspecto tão pouco tratado no nosso País, tem uma sala destinada ao ensino infantil, isto é para crianças em idade pré-escolar. Outras sete amplas salas com cinco janelas cada servem para ser ministrado o ensino liceal. Tem uma sala em anexo para o estudo das ciências físico, químicas servida por dois gabinetes para resguardo e conservação do material necessário.

Fica o edifício na parte sul da vila na estrada que vai para o farol e ficará a cinco metros de uma futura avenida que dali se projecta construir até à ligação da estrada que vai para Castro Marim.

Entra-se por três amplas portas que dão para um vasto hall para o qual deita o gabinete do director ficando à direita a secretaria. À esquerda fica o gabinete dos professores providos ao lado das respectivas sanitárias.

As alunas têm vestidário, recreio e sanitárias absolutamente independentes aos rapazes que têm ali mesmo recinto próprio para douches. Um amplo ginásio serve para os indispensáveis exercícios físicos.

A lotação do novo colégio é de 350 alunos, frequência de um liceu regular há poucas décadas.

Para melhor se avaliar da amplitude do novo edifício diremos que tem 1200 metros quadrados de área coberta e 2100 para recreio. Todas as salas e gabinetes são escaiolados.

Perguntámos ao sr. Desidério

Rosa quando era inaugurado a nova instalação colegial e respondeu-nos que o seu desejo era que o fosse em princípios do novo ano lectivo mas que dificuldades que surgiram e que não puderam ser removidas fazem com que o edifício só esteja concluído em fins de Outubro e a sua inauguração se deva fazer em princípios de novo período escolar isto é depois das férias do Natal.

Houve dificuldades na aquisição de materiais de construção tendo a simples jorra de vir do Entroncamento.

Despedimo-nos do senhor Desidério Rosa a quem agradecemos as suas interessantes elucidações e ficámos a pensar como seria proveitoso que outros seguissem o caminho por ele trilhado.

ESPERANDO...

Em Montemor-o-Novo, o lavrador sr. Alfredo Cunhal, entregou à Misericórdia daquela vila mil contos para a construção de moradias para trabalhadores rurais.

Entretanto perguntámos: quando é que no Algarve se seguem exemplos destes?

ESTABELECIMENTO

De mercearias e miudezas, arrenda-se ou trespassa-se.

Trata: José Gouveia
Rua Marquês de Pombal, 8 — OLHÃO.

ESPACÇO FEMININO

Diário Duma Jovem Culinária - Menu O SABER

NÃO OCUPA LUGAR

PRECISO que fale, que me não cale mais. E' preciso que diga a todo o mundo como gosto dos teus beijos, do afago das tuas mãos, do teu sor-



Conjunto «Cocktail»:

Confeccionado com crepe de lã e seda. Na cintura, leva uma tira dobrada, em cetim, dando um nó à frente.

É um modelo original da Casa Lauvim — Paris.

riso, do teu pensar, de ti próprio... E se calhar não gosto. Não sei se te admiro ou se te amo, ou as duas coisas juntas. Não, não pode ser. Tenho de saber o que quero, do que gosto e porque gosto.

Surgiste como uma 'luz na minha vida! Que espécie de luz serás? Talvez como a dos faróis de um carro que nos deslumbra momentaneamente mas logo desaparece numa volta da estrada? Serás como a do Sol, que vai e vem, e vai e torna a voltar todos os dias? Ou como a do farol na praia, que também vai e vem, mas indica ao navegante o caminho a seguir? Serás talvez esta última...

Eu sou o marinheiro; tu, o farol; a minha vida é a noite e a minha casa o mar. Perdi-me, mas, procurei o farol. Abri bem os olhos e senti vontade de chorar e rir ao mesmo tempo.

Deixei de ver a luz. E já não ri. Chorei. A luz voltou; aprendi novamente a rir.

A EXCÊNTRICA
MARQUESA DE CASATI

Em 1908, a Marquesa de Casati, excêntrica que, ao chegar a Roma, se tornou logo célebre por ter sido conduzida a um baile num carro puxado por quatro leões e, trazendo como vestido principal... uma serpente viva.

Frederico Garcia Lorca, pretendendo definir a sua criação teatral, disse um dia:

«El teatro es la poesia que se levanta del libro y se hace humana».

Ela foi-se e chorei outra vez. Na minha noite o sorriso e as lágrimas andaram de braço dado. Quando veio a manhã e a luz do farol se apagou eu era outra. Tinha aprendido o caminho.

Tu serás o farol e eu o marinheiro. Hei-de brincar e chorar, mas, quando te fores, talvez eu seja outra, diferente em tudo da moça simples que hoje sou. No fim saberei dizer-te «obrigada». Compreenderei que a missão do farol é essa mesma: ajudar o marinheiro a salvar-se e conduzi-lo a um porto seguro.

Qual será o meu porto? Onde será o meu norte?

Daqui a muitos anos, conclui

(Conclui na 4.ª página)

A TUS OJOS.

Tienen tantos encantos tus ojos para mí que al contemplarlos siento liento lo que jamás sentí.

Tal atractivo tienen y tal encanto brujo, que vivo solamente por su amoroso influjo.

Extraños ojos verdes, hermosos, fascinantes: ora ingenuos y castos, ora ardientes y amantes.

Vulstras luces, a veces, parecen infernales y otras tienen pureza y candor celestiales.

¡Oh, peregrinos ojos, iluminad mi vida; dad amparo a mi alma, no la dejéis perdida!

Seguid siendo mi norte, mi afán y mi alegría; mi sostén, mi esperanza, el faro que me guía,

El perfume de ensueño que me embriaga de amores; la ilusión y el consuelo que alivian mis dolores.

Y la escondida y dulce fuente llena de calma en cuyas mansas aguas purifico mi alma.

JOSÉ MAQUEDA ALCAIDE

SOPA JULIANA

Batatas, 200 gramas; Cenouras médias, 4; Nabos, 2; Alface pequena, 1; Alho francês, 1; Aipo, 2 troncos; Ervilhas, 100 gramas; Manteiga, 1 colher de sopa; Cubo de caldo, 1; Sal e açúcar (quanto basta).

Cortam-se as batatas, as cenouras e os nabos em palitinhos o mais finos possível e aloiram-se numa panela com a colher de manteiga, deita-se água a ferver em quantidade suficiente para fazer a sopa, tendo desfeito nela o cubo de caldo de carne. Acrescenta-se a alface picadinha, o aipo e o alho francês também picados, as ervilhas, uma colher de chá de açúcar e sal.

Ferve até cozer a hortaliça que não deve ficar espapaçada.

BIFES ENROLADOS
COM «BACON»

Bifes de lombo, 12; Fatias de «bacon», 12; Conhaque, banha, manteiga e limão, quanto baste. Cebola, alho e salsa.

Espalham-se bifos do lombo,

cobrem-se com uma fatia de «bacon», Polvilham-se com pimenta, enrolam-se e espetam-se com um palito. Deitam-se no fundo de um tacho uma cebola, um alho e salsa finamente picados, uma colher de banha, outra de manteiga e colocam-se em cima os rolos de carne. Tapa-se o tacho e deixam-se estufar em lume brando. Quando a carne estiver meio cozida, deita-se um pouco de conhaque sobre os bifos. Espreme-se por cima um pouco de sumo de limão e rodeiam-se na travessa com Puré de Batata.

MORANGOS COM
«CHANTILLY»

Tiram-se os pés aos morangos, escaldam-se rapidamente com água a ferver, e, em seguida lavam-se em várias águas frias, fervidas. Depois de preparados, põem-se dentro de uma taça, temperados com muito açúcar e alguns cálices de vinho do Porto; mete-se a taça no frigorífico ou rodeia-se com gelo. Na ocasião de servir, deitam-se os morangos em taças e cobrem-se com «Chantilly», aromatizado com um pouco de baunilha e que também deve estar gelado.

PUDIM RÁPIDO

Leite, 1 litro; Açúcar refinado, 160 gramas; Farinha maizena, 1 colher de chá; Ovos completos, 4; Baunilha em pó, 1 pitada.

Batem-se os ovos com o açúcar e a maizena; junta-se o leite, pouco a pouco e a baunilha. Mexe-se tudo muito bem e deita-se numa forma Pyrex, que previamente se deve ter untado com manteiga. Coze-se no forno em banho-maria.

Serve-se frio.

VENDE-SE

Morris—Van 8 H. P. Furgonette, caixa fechada, série 16 em bom estado, motor impecável. Dirija-se a Raul Joaquim Augusto Piloto, Rua Nova da Cruz, 33 Olhão.

A história dos brinco

Os brinco tiveram origem no castigo de um indultório: Sarah, esposa de Abrão, ao saber que o marido a atraíra para a escravidão, Agar, mandou furar as orelhas a esta.

Abrão para consolar a amante enfiou-lhe nas orelhas algumas lindíssimas pérolas de Enfiadas.

Tão bela ficou Agar com o original adorno que todas as mulheres quiseram imitá-la. A própria Sarah não resistiu ao sugestivo encanto e usou brinco.

Lavagem de vestidos de seda

Quando sujar um vestido de seda e tiver receio que a seda se estrague lavando-o com água e sabão, proceda do seguinte modo: mergulhe o vestido em «benzovaque» e esfregue-o ao de leve. Se o «benzovaque» ficar muito sujo passe-o por outro limpo. Coloque o vestido numa cruzeta e ponha-o ao ar. Fica como novo. Não é preciso passá-lo a ferro. Não faça este trabalho perto do lume nem ao sol.

Limpeza de Luvas

As luvas de camurça, crochet podem ser lavadas em casa. Use água morna e espuma de sabão de coco sem mistura. Calce-as antes de as pôr a secar, para que tomem o jeito natural das mãos. Seque-as à sombra, num lugar arejado.

Flanelas e lãs

As flanelas e lãs conservam-se macias e brancas e não encolhem, se se deitar uma colher de amoníaco na primeira água em que forem lavadas.

Quem lava deve saber

Não se deve usar sabão alcalis sobre qualquer mancha em tecido de «Rayon», pois tanto um como o outro costumam fixar algumas manchas, principalmente a de fruta. Apenas se deve mergulhar em água quente a parte manchada.

CONTA GOTAS

(Conclusão da 1.ª página)

Nada te roubaram, Manuela. Anda, vai repensar agora um instante. Vai. Teu cabelo está completo. Só tu mudaste — mais rugas, mais esses cabelos brancos aí nas têmporas... Não importa. Só as flores de papel estão sempre novas.

Minha família é outra

Apesar de Agosto acabado, é grande o movimento na Piscina, os meninos, no tanque para eles, brincam, com pérolas de água no cabulo e nas faces. Debaixo dos grandes chapéus de Sol, aos gomos coloridos, senhoras fazem tricot; em redor da piscina corpos jovens bronzeiam-se deitados em longas camas brancas...

Ao meio dia, a felicidade explodirá fua berrante girândola de fatos exóticos, mergulhos espectaculares, saltos de todos os feitios na torre de cimento. Uma grande algarviada de franciú e albião este mais puro ou mais roufenho conforme derive de pacotes ingleses ou de espalhafatosos americanos.

Faço-me pequenina debaixo da grande árvore cujos braços se foram alongando até oferecerem um grande regaço de sombra. Esta gente não é minha. Não, nada me prende a ela. Esta gente rica, bem instalada na sua vaidade e no seu snobismo, nos seus problemas esquecidos, bem compensados quando há, com fartura, dinheiro e consideração social... No meio desta forma de raízes humanas fracamente metidas na terra, o problema de Hamlet deixou de ser «to be or not to be» para se transformar em «to have or not to have». Money, of course!

Nada me prende a ela. Não pertenco à família. Estou para ali não sei se uma, se duas horas, a fazer-me pequenina, envergonhada que me vejam. Com medo que eu me veja...

Só com uma placa

Fico ali que tempos a desfibrar aquela dolorosa sensação de me sentir es-

trangeira no meu país natal.

Vou dizer uma coisa: numa revista que tenho não vem uma larga reportagem das compenhas italianas. Duros, fechados nos seus penedos calabros ou sicilianos, soffendo no ventre os golpes erosivos do vento e das geadas. Pois não querem ver! É desta gente que me sinto compatriota, é ali que me sinto em família. Estou à vontade, descontraída, bons dias, amigos!

As senhoras fazem tricot, bebem refrescos. Brilham anéis nos dedos compridos. Os homens fumam, discutem alternadamente negócios e bola.

Quando passa uma rapariga, vitoriosa no seu «maillot» justinho, seguem-na com olhos peganhentos...

Escrever sobre eles, sim. Denunciá-los, ridicularizá-los, mostrá-los, concordo. Pegar-lhes — mas só com uma pinça.

Sou forte, reparem

Levanto-me e vou até ao adro da Igreja, onde as meninas brincam.

Ao agarrar, ao esconder. A fazer horas, até que venha o senhor padre dar-lhes

A 'BRASILEIRA' do CHIADO

esteve para fechar mas foi salva

«BRASILEIRA» do Chiado, o «café dos artistas lisboetas», ainda há pouco visitada pelo Presidente Kubitschek de Oliveira, esteve em riscos de fechar, devido a uma acção movida contra a empresa.

Chegaram a estar publicados editais em que o Tribunal anunciava que iria à praça o recheio e o direito a trespassse do café mais intelectual de Lisboa, e nos meios literários e artísticos lisboetas reinou o pânico.

Afinal, pouco antes da almoeda, apareceu o dinheiro preciso para pagar as dívidas da «Brasileira», e o café, a que o Presidente Kubitschek de Oliveira chamou «o jardim das delicias intelectuais», foi salvo.

o doutrina. Já nas manhãs de sol e de céu azul, o sol...

Desoladas, coram me levam! Algumas têm dez, onze, anos — mas ninguém lhes daria mais de oito.

Na ilha da Madeira, a organização, toda a criança terá o direito...

Agosto, sim, mas não o verão. A viagem é longa e cansativa. As canções infantis levam-me após si, é de deus e mim que elas partem para a grande viagem cósmica. Por que estas vozinhas frágeis, a todo o momento estilhaçadas, dão-me alguma coisa mais do que raízes de pedra, árvore, astro...

E nem queiram saber a força que me dão!

Conhecem a franga da Índia quando ela ameaçava os filhos. Uma fúria, um desatino, toda ela é raiva e arame farpado...

Assim eu, tal qual. Tão agressiva, tão de olhos acesos e furibundos, que os fabricantes e exportadores de bombas, os congeminadores de guerras, os grandes financeiros e industriais da morte, me tremem e recolhem as garras!

Brincai, amigas! Brincai descuidadas e cantai! Com a forma que de vós recebo, vos defenderei.

Maria Manuela Nunes

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...



RODRIGUES PINHO & C.ª

VILA NOVA DE GAIA

VISADO PELA Comissão de Censura

Naquele Tempo

HAVIA SÓ OS PORTUGUESES

VISITA a Portugal dos jovens soberanos da Tailândia foi preluída na Imprensa por uma divulgação em larga escala da biografia dos monarcas e da história do seu país. O grande público ficou assim sabendo — e ainda o ignora — que a Tailândia é o mesmo Sião que serviu de cenário a uma das mais famosas máximas cinematográficas do Yull Brainer, pois abicilmente ofereceu, sob o nome de «Siam», o cenário para as aventuras de uma das mais famosas personagens da literatura infantil, o menino herói, o príncipe de Siam, que habitava um povo placido e operoso que venera o elefante como animal sagrado e que em Híndio temo as crescentes e vai abicidentalizando, mais progressivo com o seu progresso próprio e a defesa dos seus interesses do que com a Intriga internacional.

Ficou também o público sabendo aquilo que até agora andava guardado nas páginas das velhas crónicas ou era pertença, apenas, le meia dúzia de estudiosos e de frequentadores dos arquivos e das bibliotecas: que Portugal foi o primeiro país de cultura ocidental a estabelecer relações com o antigo Sião e actual Tailândia, relações que se iniciaram à mais de quatro séculos, logo após a conquista de Malaca por Afonso de Albuquerque, se mantiveram activas durante mais de uma centúria e de que ainda hoje restam numerosos vestígios; a língua portuguesa já não é, como o foi até o século passado, uma das línguas oficiais da Tailândia, mas são numerosos, entre os tailandeses, os Peireiras, os Silvas, os Nogueiras e outros apelidos de origem incontestavelmente lusitana; decerto que em Banguécoque há hoje muito mais interesse pela importação das últimas maravilhas da técnica norte-americana, desde as panelas de pressão às máquinas de barbear, do que pelos vinhos, ou as conservas de Portugal, mas nem por isso desapareceram ainda da culinária tailandesa alguns pratos de sabor português, de sabor pelo menos nominal.

Todos estes invisíveis e subtis laços que prendem entre si Portugal e a Tailândia foram, pois, agora reforçados, de parte a parte, com os requintos da melhor cortezia oriental e os emeros da conhecida hospitalidade portuguesa. O Rei Bhumibol teve a amabilidade de declarar a sua visita integrada no ciclo das comemorações henriquinas, considerando a chegada ao seu país das primeiras naus portuguesas como sendo mais uma feliz consequência da obra do Príncipe de Sagres. Por seu turno, a Imprensa obteve-se, delicadamente, de ajudar a tudo quanto pudesse ser menos agradável aos soberanos tailandeses, — foi esquecida certa página de Eça de Queirós em que o autor da «Ilustre Casa», com o seu incorrigível caricaturismo, pretende dar-nos uma síntese da história e da vida do Sião; foram esquecidas as trágicas condições a que o Rei Bhumibol deve o trono — e só é pena que também se houvesse esquecido, com a pressa,

um facto revelante e certo nas relações entre os dois países: a visita que nos fez, no tempo d'El-Rei D. Carlos, o avô do actual monarca tailandês, o Rei Chula Longkorn, que foi, por sinal, grande impulsionador de progresso, o introduzido do Sião na comunidade internacional.

Para os lisboetas — e para as muitas dezenas de milhares de pessoas que na Província e Televisão chama todas as noites a participação na vida da capital — a visita do Rei Bhumibol e da Rainha Sirikit constituiu mais um sorriso simpático convivio com os supremos representantes de nações que ficam do outro lado do mundo, mas que séculos de navegações e de comércio tornaram próximos do nosso espírito, como velhas amigas de família. Tal como se temer com o Imperador da antiquíssima Eúopia, ou com o Presidente da novíssima Indonésia, os Reis da Tailândia vieram a Portugal visitar de facto, velhos amigos, amigos de família que em tempos recuados foram amigos generosos, prôligamente dispensadores de auxílios de fôda a ordem. No caso da Tailândia, por exemplo, os portugueses não lhe ofertaram, apenas, os primeiros contactos com a civilização ocidental: por três vezes — em 1558, em 1656 e em 1784 —

(Conclui na 4.ª página)

AGENDA

TRAIINEIRAS MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 2 a 8 de Setembro

Le tia	78.280\$00
Andaz	47.410\$00
Les	45.600\$00
Conceicanita	44.410\$00
Maria Rosa	40.450\$00
Ruário	37.620\$00
J. nita	30.140\$00
Suestada	28.590\$00
Marilú	28.150\$00
Infante	27.790\$00
Fior de	17.110\$00
Brisa	16.620\$00
Tafão	16.310\$00
Norie	14.290\$00
Liberta	10.950\$00
Vulcão	9.800\$00
Ag. a. a. a.	9.650\$00
Fior do Sul	7.850\$00
Trunfante	6.900\$00
Silvia	6.750\$00
Ferriandó Carlos	4.150\$00
Séte Estrelas	2.200\$00
Reservação	1.500\$00
sb	528.460\$00
Peixe diverso apanhado	25.350\$00
peixes várias embarcações	25.350\$00
Total	558.810\$00

Está de serviço permanente de 10 a 16 de Setembro, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito, Telefone 31.

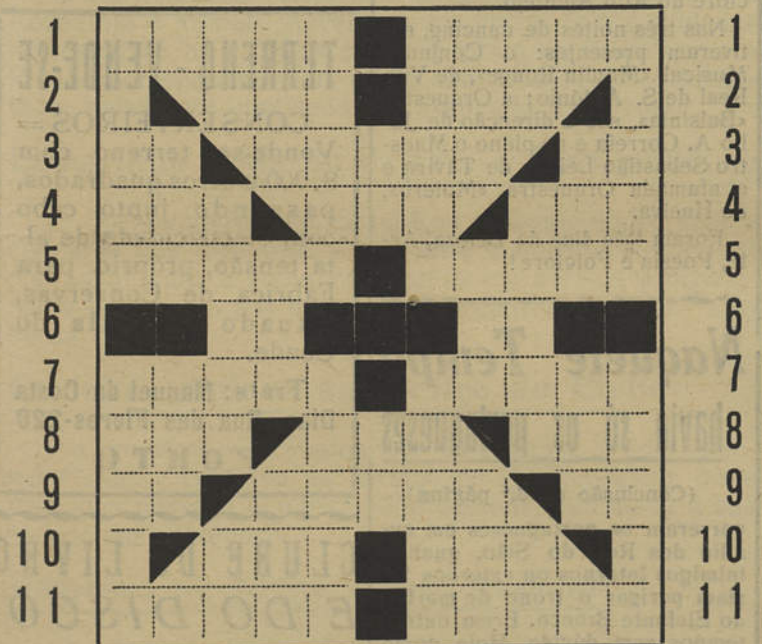
A FOTOGRAFIA "CALÊ"

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS DE GALERIA, AMADORES E REPORTAGEM

Rua Dr. Miguel Bombarda, 12 OLHÃO

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



EDUARDO SIMÕES

Horizontais: 1 — Praia; ajeitara; 2 — Boi selvagem; oceano; 3 — artigo antigo; cobrem de ouro; nota de música antiga; 4 — pelos de animais; haver; ovário dos peixes; 5 — rezavam; levantar a âncora; 6 — pronome pess. caminhava; 7 — ofido; debruas; 8 — fruta-do-conde; sinal ortográfico; preposição; 9 — batráquio; apelido; outra coisa; 10 — carlinga; gritos de dor; 11 — unir; quinhão.

Verticais: 1 — Aspiração; missiva; 2 — casa; base aérea portug.; 3 — pronome pess.; dança (bras); letra grega; 4 — anel; observar; parente; 5 — ardósia; escritas; 6 — nota musical; 4.º (romanos); 7 — amarga; lubrificar; 8 — figura que simboliza o povo americano; gracejas; rema para traz; 9 — atmosfera; pedra preciosa; abrev. de Sua Santidade; 10 — nome de fruto; fruta do conde; 11 — mesa para sacrificios; floresta.

VER SOLUÇÕES NO PRÓXIMO NÚMERO

"Com Vaqueiro, sim"

Escreve-nos a Ex.ª Senhora Dona Maria José Rafael Mergulhão Rebelo — Rua D. Maria Pia, n.º 536-c/v-Esq. — LISBOA

«O peixe fica mesmo como eu gosto! Saboroso e douradinho que é um gosto. E não é só o peixe. Todos os pratos feitos com Vaqueiro ficam realmente bons. É por isso que uso sempre a Vaqueiro na minha cozinha».

Em toda a boa cozinha a Vaqueiro, composta de óleos vegetais puríssimos, é um elemento indispensável.

* Esta carta pode ser consultada no Instituto Culinário da Margarina Vaqueiro — Rua da Sociedade Farmacéutica, n.º 3, 3.º — LISBOA

A NOVA VAQUEIRO TORNA TUDO AINDA MAIS APETITOSO

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. — SACA

Espaço Feminino

CONCLUSÃO

Entre nós Mulheres...

A Saia-Abóbora de Dior ou como de um fruto nasce uma flor

A «HORRÍVEL saia abóbora», a «detestável saia-melão» dos boatos (postos a correr antes das passagens das colecções parisienses) transformou-se numa «deliciosa saia-flor» (nada lembrando os bjudos frutos) que é a característica principal da colecção Dior para 1961.

Ao contrário de todos os outros costureiros, Yves de St. Laurent apresenta, ainda, o joelho à mostra. É ele o único e surpreendente, pois a preocupação máxima do velho Dior era sempre tapar o joelho, «a parte sempre feia de qualquer lindo corpo de mulher». A parte esta «teima» da altura das saias, a colecção é bonita e segue as directrizes gerais parisienses para a estação próxima: máxima liberdade de movimentos e extraordinária parecença com a década 1925-1935. Não fossem algumas saias-flor da colecção e os seus modelos lembrariam recortes das revistas de modas de 1930. É o «deixa-te ir», em que o corpo se sente livre de peias. É a quase ausência de cintura, a quase ausência de seio, a quase ausência de ancas. Não é a mulher-saco, mas é a mulher a que os nossos pais chamavam «tábua de engomar». Dior tanto coloca a cintura no seu lugar (e apenas nas «saia-flor») como muito subida ou descida mesmo até às ancas. Isto dá aos seus modelos grande variedade e estilo e deve agradar às senhoras, pois lhes permite, com leves arranjos, governarem-se com modelos do ano passado.

Na sua maioria, os «tailleurs» da colecção estão cortados segundo o novo estilo «flor». Uma flor (de pernas para o ar, talvez) em que o casaco caído «à direita» será o pé e a saia tu-fada (e excessivamente curta) representa o papel de corola. Evidentemente que Dior tem ainda os «tailleurs» clássicos — com golas enormes, quase sempre em «tricot» e imitando as camisolas dos pescadores. A

linha «flor» aparece também em vestidos elegantes para depois das cinco — vestidos em tons escuros e sobretudo no delicioso negro-fumo — mas a nova linha é particularmente e, vamos lá, paradoxalmente destinada aos saia-e-casaco.

Os casacos de abafar são curtos (quase sempre a sete oitavos e deixando ver um bocado da saia) e ligeiros. Têm cavas enormes e as mangas vêm montadas desde as costas. Na parte da frente não há botões nem casas. Alguns modelos têm parte das costuras do lado abertas para facilitar os movimentos. Tiras de pele rematam a maior parte das bainhas inferiores e das mangas.

Também Yves de St. Laurent criou alguns vestidos para a Televisão. Há o vestido TV para usarmos em casa e o modelo-TV destinado à casa dos outros. No primeiro caso compõe-se de uma saia calça em veludo preto ou roxo com um casaquinho, também de velu-

do ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Entre nós Mulheres...

A Saia-Abóbora de Dior ou como de um fruto nasce uma flor

A «HORRÍVEL saia abóbora», a «detestável saia-melão» dos boatos (postos a correr antes das passagens das colecções parisienses) transformou-se numa «deliciosa saia-flor» (nada lembrando os bjudos frutos) que é a característica principal da colecção Dior para 1961.

Ao contrário de todos os outros costureiros, Yves de St. Laurent apresenta, ainda, o joelho à mostra. É ele o único e surpreendente, pois a preocupação máxima do velho Dior era sempre tapar o joelho, «a parte sempre feia de qualquer lindo corpo de mulher». A parte esta «teima» da altura das saias, a colecção é bonita e segue as directrizes gerais parisienses para a estação próxima: máxima liberdade de movimentos e extraordinária parecença com a década 1925-1935. Não fossem algumas saias-flor da colecção e os seus modelos lembrariam recortes das revistas de modas de 1930. É o «deixa-te ir», em que o corpo se sente livre de peias. É a quase ausência de cintura, a quase ausência de seio, a quase ausência de ancas. Não é a mulher-saco, mas é a mulher a que os nossos pais chamavam «tábua de engomar». Dior tanto coloca a cintura no seu lugar (e apenas nas «saia-flor») como muito subida ou descida mesmo até às ancas. Isto dá aos seus modelos grande variedade e estilo e deve agradar às senhoras, pois lhes permite, com leves arranjos, governarem-se com modelos do ano passado.

Na sua maioria, os «tailleurs» da colecção estão cortados segundo o novo estilo «flor». Uma flor (de pernas para o ar, talvez) em que o casaco caído «à direita» será o pé e a saia tu-fada (e excessivamente curta) representa o papel de corola. Evidentemente que Dior tem ainda os «tailleurs» clássicos — com golas enormes, quase sempre em «tricot» e imitando as camisolas dos pescadores. A

linha «flor» aparece também em vestidos elegantes para depois das cinco — vestidos em tons escuros e sobretudo no delicioso negro-fumo — mas a nova linha é particularmente e, vamos lá, paradoxalmente destinada aos saia-e-casaco.

Os casacos de abafar são curtos (quase sempre a sete oitavos e deixando ver um bocado da saia) e ligeiros. Têm cavas enormes e as mangas vêm montadas desde as costas. Na parte da frente não há botões nem casas. Alguns modelos têm parte das costuras do lado abertas para facilitar os movimentos. Tiras de pele rematam a maior parte das bainhas inferiores e das mangas.

Também Yves de St. Laurent criou alguns vestidos para a Televisão. Há o vestido TV para usarmos em casa e o modelo-TV destinado à casa dos outros. No primeiro caso compõe-se de uma saia calça em veludo preto ou roxo com um casaquinho, também de velu-

do ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

AS CRIANÇAS

M.^{me} Montessori escreve:

QUANTO a castigos, tivemos de lidar com muitas que atormentavam as outras, sem dar atenção aos nossos concelhos ou correcções. Essas crianças nós as fazíamos examinar pelo médico. Se este verificava tratar-se de criatura normal, punhamo-la numa mesinha afastada e desse modo a isolava-mos; dámo-lhe uma cadeirinha de balanço e os brinquedos que ela mais apreciava. Esse isolamento quase sempre acalmava a criança; daquele ponto ela podia ver as companheiras; e a maneira pela qual estas condiziam o seu trabalho era uma lição objectiva muito mais eficiente do que qualquer outra coisa que o professor lhe pudesse dizer. Pouco a pouco a criança via as vantagens de estar no grupo geral que se movia diante dos seus olhos, e passava a desejar incorporar-se a ele. Dessa maneira conseguimos disciplinar todas as crianças rebeldes. A criança isolada recebia de nós especiais cuidados, como se se trata-se de uma doente. Eu, mesma, quando entrava na sala, dirigia-me primeiramente a ela como se fosse uma caculinha. Depois voltava minha atenção para as outras interessando-me no trabalho que faziam, propondo-lhes perguntas como se fossem gente grande. Não sei o que se passava na alma das crianças disciplinadas, mas a conversação, além de completa era duradoura. Elas mostravam grande orgulho em aprender o trabalho do dia, mostrando muita afecção pela professora e por mim.

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

de ou de crepe da China, em roxo ou lilaz. No segundo caso, é em veludo «grenat» ou em qualquer dos castanhos da moda e pode ou não ter um casaco solto de brocado de prata.

Nos vestidos de noite, Dior desprezou a linha «flor» e a tendência 1930. Os seus modelos — de funda inspiração espanhola — parecem quase todos tirados dos quadros de Goya e de Velasquez. São as mesmas saias amplas, são os mesmos setins brilhantes, são as mesmas rendas castiças, são os mesmos bordados a lantejoulas; A elegante que se vestir «chez Dior» trará consigo algo do encanto que se desprende das «ninfas», algo de irresistível que nos vem das damas «bobas». E afinal neste fascínio do passado está, segundo nos garantem, o mais original, o mais brilhante, o mais lindo da nova colecção da audaciosa e sempre na vanguarda Casa Dior.

Noémia Gil Faria

Em TAVIRA

Rainha do Séquia

Os 2.º e 3.º dias das Festas da Misericórdia, que decorreram com brilhantismo, terminaram em apoteótica vibração folclórica e regionalista, com a exibição dos melhores Ranchos do Folclore Nacional e do desfile do Cortejo Naval, no Rio Gilão,

sob a assistência do sr. Governador Civil de Faro, Dr. Baptista Coelho.

CONSTITUIU espectáculo de beleza, cor e poesia, as Festas da Misericórdia da Cidade do Gilão, «resaltando num autêntico Cartaz do Folclore Nacional».

TAVIRA, com as Festas da Misericórdia, viveu três dias de verdadeira euforia, excedendo todas as expectativas em animação, em elegância, dando-lhe uma nota alegre de vida.

«A Bela Adormecida», mercê de «um punhado de Boas Vontades» orientadas por forma cuidada e eficiente, do dinâmico Provedor José Emídio Sotero, acordou do sono letárgico em que, há cerca de três décadas, se encontrava, ressuscitando para uma nova jornada, e ela, de cor, de alegria, de poesia.

Com o sucesso do seu primeiro dia de festas, a nobre e fidalga Tavira retomou o curso de uma das suas mais belas tradições.

Os 2.º e 3.º dias destas festividades, com a sua «Noite das Serenatas do Rio Gilão e dos Fogos» e «Noite do Folclore Regional», marcaram, de forma inolvidável, que Tavira reencontrou-se, achando-se a si própria, entrando na órbita das Grandes Festas de antanho.

A «Noite das Serenatas», onde, 16 embarcações lindas e caprichosamente engalanadas e testivamente iluminadas, subindo rio acima, ouvindo-se belas «romanzas» em italiano, dando a ideia de se estar em Veneza, para, logo a seguir, ouvir-se os fados estilo «coimbrão», e as «guitarradas» da juventude académica, foi, bem, um espectáculo que empolgou a imensa multidão que circundava, em todos os ângulos, o Rio Gilão.

Tomaram parte no Desfile Naval, os seguintes barcos: «Gondola Veneziana» que abria o cortejo, decorada e ornamentada a rigor; «O Cisne», muito artístico e magestoso; «Salmonete», com uma encantadora criança; «O Farol»; «O Foguetão», este muito original; «Casa Portuguesa»; «Estudantes de Coimbra»; «O Mastro de S. João»; «A Guitarra» e «Fadistas»; «Carnocópio», representando o signo da felicidade; «A Vieira»; «Barco Saloio»; «Os Pescadores», representando os velhos lobos do mar da pesca do atum; «Monumento Infante D. Henrique homenagem da Mocidade Portuguesa»; «Gazcilda» e «Pensão Avenida».

No último dia, o programa assinalava a exibição de dois dos melhores Ranchos do Folclore Nacional: o Rancho do Cano-Alto Aleatejo e o Rancho da Casa do Povo de Alte-Loulé, os quais se exibiram com muito agrado, sendo de salientar o do Cano, grupo com categoria internacional e mostrou com arte e perícia, o folclore do Alto Aleatejo.

Nas três noites de dancing, estiveram presentes: o Conjunto Musical «Moulin Rouge», de Vila Real de S. António; a Orquestra «Balsínia», sob a direcção de Júlio A. Correia e ao piano o Maestro Sebastião Leiria, de Tavira e a afamada Orquestra «Molero», de Huelva.

Foram três dias de Beleza, Arte, Poesia e Folclore!

Naquele Tempo havia só os portugueses

(Conclusão da 3.ª página)

correram os portugueses em auxílio dos Reis do Sião, quando inimigos internos ou externos faziam perigar o trono de marfim do Elefante Branco. Eram outros tempos, sem dúvida. Hoje, como se está vendo, há fórmulas novas para tentar manter em paz e harmonia, no chamado concerto das nações, aqueles países cujo tipo ou estágio de cultura não são precisamente os mesmos do Ocidente. Esperemos que resultem. Naquele tempo, contudo, para defender o Sião das investidas dos birmanos, para libertar os índus da sujeição aos maometanos, para pelear em defesa da Rainha da Etiópia, para limpar de piratas os mares do Sueste asiático — havia, apenas, os portugueses. E a sua fórmula resultou, conforme agora o veio confirmar, com notável e cativante franqueza, o casal reinante da Tailândia.

Dignaram-se assistir à «Noite das Serenatas e dos Fogos», os srs.: dr. Batista Coelho, ilustre Governador Civil do Algarve, Deputado pela nossa Província, Eng.º Sebastião Garcia Ramires, Capitão Marques Loureiro, Comandante Distrital da P. S. P., de Faro; dr. Pais Ribeiro, Delegado de Saúde, de Faro e dr. Maurício Monteiro, Vice-presidente da «CASA DO ALGARVE», em Lisboa, que estavam acompanhados dos srs.: dr. Jorge Augusto Correia, Presidente do Município Tavirense; José Fernandes Sotero, Provedor da Misericórdia e Tenente-coronel Carmona, Comandante do Centro Instrução de Milicianos, e outras autoridades locais.

Dado o êxito destas Festas, promovidas pela Misericórdia, que decorreram com desusado brilhantismo, onde a elegância e a animação, tiveram lugar cimeiro, e para isso bastante concorreu a valiosa e desinteressada colaboração das prestimosas senhoras tavirenses, de supor é, que Tavira volte a viver, nos anos seguintes, o ambiente festivo deste ano; já porque, elas são necessárias para rejuvenescer e engrandecer o burgo tavirense, já porque, se trata de uma «jornada beneficente» em prol de uma causa nobre, justa e sã beneficiando as receitas do Hospital.

Para o ano, com a devida antecipação, formulamos já os nossos votos para que elas se efectuem com maior brilho, com maior concorrência de visitantes, e, portanto, com maiores lucros.

Porque este Festival foi, genuíno e caracteristicamente um Cartaz do Folclore Nacional, é de toda a justiça que nos anos seguintes, a Misericórdia obtenha o valioso patrocínio do Secretariado Nacional da Informação.

É de salientar a valiosa colaboração e patrocínio dada pela Municipalidade, méritos e louvores que não regateamos ao seu lido, presidente sr. Dr. Jorge Augusto Correia.

Está dado o primeiro passo para se PROSEGUIR...

Luís Sebastião Peres

A CONSTRUÇÃO do Aeroporto da Madeira

Sobras do Aeroporto da Madeira terão início em Setembro ou Outubro.

O local mais favorável à construção do Aeroporto é Santa Catarina, segundo declarou o Ministro das Comunicações, Eng. Carlos Ribeiro, que foi recebido entusiasticamente no Funchal.

No discurso dirigido aos madeirenses disse:

«Apesar de tudo, e sabendo que esta solução tem contraditores na própria ilha, não deixarei de encargar outras hipóteses e visitar os locais correspondentes, estudando-os com os técnicos e as autoridades da Madeira, dentro de um espírito de mais franqueza.

«Que é indispensável é que se fixe dentro de estes dias uma orientação definitiva».

TERRENO - VENDE-SE

CONSERVEIROS =
Vende-se terreno com 8.000 metros quadrados, passando junto cabo com electricidade de alta tensão, próprio para Fábrica de Conservas, situado em Vila do Conde.

Trata: Manuel da Costa Dias, Rua das Flores-220 POKTO

CLUBE DO LIVRO E DO DISCO

Se gosta de ler e de ouvir música, inscreva-se já como sócio do Clube do Livro e do Disco, a primeira associação cultural do género fundada no nosso país.

Tendo como objectivo promover a difusão da cultura por meio do livro e do disco, não poderá deixar de interessar a quantos pretendam manter actualizada a sua cultura literária e musical.

Para receber um folheto explicativo, basta escrever um simples postal, com o remetente bem legível, dirigido ao

CLUBE DO LIVRO E DO DISCO
Apartado 2.510 LISBOA

Diário Duma Jovem

(Conclusão da 2.ª página)

tarei histórias de marinheiros e faróis e terei esquecido o geito de chorar.

Tu ficarás iluminando o mar com a tua luz, guiando os navios para um porto seguro.

Era noite. Fazia calor e

página

DESPORTIVA



FUTEBOL ♦ BASQUETEBOL ♦ ANDEBOL

Uma Entrevista por Semana

CABRITA ▶ CONTINUA NO PORTIMONENSE

Para a entrevista desta semana escolhemos Cabrita, jogador de tradições no Futebol Português que esta época continua sendo o orientador da equipa de Barlavento.

Cabrita que fizera contrato apenas por uma época renovou-o, o que demonstra quão apreciado foi o seu trabalho na época passada em que conseguiu um 3.º lugar a todos os títulos honrosos, cotando-se o Portimonense como a melhor equipa algarvia.

— O Portimonense será naturalmente um candidato à 1.ª Divisão. Espera poder dar essa alegria ao Algarve?

— Trabalharemos tanto quanto possível para obter uma classificação de acordo com as tradições do clube e satisfazer a sua massa associativa.

— Sabemos que o Portimonense reforçou esta época os seus quadros. Pode dizer-nos quais são os reforços?

— Esta época contamos com Martinho (ex-Belenenses), José António (ex-Esperança de Lagos) e Jorge que na época passada esteve emprestado ao Juventude de Évora. Além destes todos os outros que representaram o Portimonense na época passada, excepto Romão, Adventino e Pacheco que foram dispensados.

— Quais os adversários que mais teme?

— Por princípio para mim

todos os jogos são difíceis, mais a mais com um campeonato tão duro como este é. É claro que um Vitória de Setúbal, um Oriental, um Olhanense e um Farense são sempre equipas de temer e candidatos ao 1.º lugar. Poderão contudo surgir surpresas, além de que não conheço o valor de alguns adversários como o Sacavenense vindo este ano da terceira divisão.

— Julga que o sorteio foi favorável ao Portimonense?

— Tenho por hábito não



FERNANDO CABRITA

me guiar pelas aparências de um sorteio. À primeira vista parece que nos favoreceu o que não quer dizer que não se venha a verificar o contrário.

ALTERAÇÕES NA EQUIPA DO PORTIMONENSE S. C.

Adventino e Romão dispensados

O Portimonense dispensou os serviços dos avançados Adventino e Romão. Adventino um jovem com qualidades representará na próxima época a turma do Barreirense e Romão por enquanto sem clube não lhe será difícil arranjar-lo, pelas suas qualidades de avançado trabalhador.

Camarinha e Martín deixam o Portimonense

O Portimonense não contará na presente época com o concurso dos jogadores Camarinha e Martín, o primeiro por partir para a Índia Portuguesa em serviço profissional e o segundo por haver firmado contrato com um clube de Espanha.

Caldeira continua ao serviço do Clube

Ao contrário dos boatos que constaram o Internacional Caldeira continua ao serviço do Portimonense, onde na época passada alinhava, tedno demonstrado ainda a sua excepcional categoria.

Regresso de Jorge e José António

O avançado-centro Jorge que na época passada ao abrigo do serviço militar alinhava pelo Juventude de Évora, regressou ao Portimonense. Este jogador que na turma Alentejana se revelou como o melhor marcador é uma promessa com que os Portimonenses contam para a próxima época.

Igualmente regressou ao Portimonense, após um ano de ausência o magnífico interior José António.

Martinho, nova aquisição

Olhos postos na época que se aproxima a direcção do Portimonense assegurou o concurso do excelente avançado Martinho, que na época passada alinhava pelo «Os Belenenses».

— O campeonato começa já no dia 18. Até lá farão ainda algum jogo?

— Jogaremos no Domingo, dia 11 em Ayamonte e este jogo será como que um exame às possibilidades da equipa.

Não queríamos tomar mais tempo a Cabrita que dentro em breve ia iniciar o treino.

Despedimo-nos e assim quase à queima-roupa perguntámos.

— Que se passa com o Daniel e com o Caldeira?

O nosso interlocutor não pareceu surpreender-se com a pergunta e respondeu-nos:

— Continuam sendo atletas do clube. Correram realmente uns boatos mas tudo continua na mesma.

A nossa entrevista terminara.

Frederico Rebello

Portimão e o Basquetebol ENTREVISTA COM ANTÓNIO FEU

De há muito filiado na Associação de Basquetebol de Faro, o Portimonense vai este ano aparecer nas competições oficiais mercê da actividade incansável desenvolvida por António Feu, o popular internacional do Sporting que motivos particulares obrigaram a abandonar a capital e a fixar-se em Portimão.

Informados da novidade e conscientes da importância de que ela se reveste para o Basquetebol algarvio, resolvemos ouvir Feu que amavelmente se prestou a dar os esclarecimentos que desejávamos.

— *Constou-nos que o Portimonense está na disposição de se fazer representar nas competições oficiais. É verdade?*

— Sim, estamos a trabalhar para que tal aconteça. Naturalmente as dificuldades têm sido muitas numa terra

NA última página desportiva, Frederico Rebello tornou a abordar o assunto da Associação Regional de Andebol, que já tanto tem dado de falar, especialmente aqueles que convivem mais intimamente com os desportos apelidados imprópriamente de pobres; neste caso o andebol. E após a leitura do seu artigo, entendi por bem que devia dar-lhe o meu incondicional apoio, até porque me considero dos mais «carolas» pela modalidade e por ter sido eu, afinal, o único organizador do primeiro Torneio de Andebol Algarvio. E' por isso e por outras causas pessoais que não vem a propósito mencionar, que com ele grito bem alto: PARA QUANDO A ASSOCIAÇÃO DE ANDEBOL?

E' realmente pena que depois do entusiasmo suscitado pelo torneio do verão passado, ao qual concorreram três equipas de Faro, duas de Olhão e uma da Fuseta e que fez levar ao campo Abilio Gouveia, no Bairro Económico, muitas centenas de entusiastas que foram aumentando nas sucessivas jornadas ao ponto de na última se ter computado a assistência em mais de um milhar, é pena, dizia eu, que aqueles, que terminado o torneio, clamaram pela oficialização da associação e ofereceram o seu desinteressado labor para a efectivação dessa aspiração, se tenham deixado adormecer à sombra dos louros colhidos não dando um único passo decisivo para a sua realização.

— Talvez eu seja desconhe-

cedor das dificuldades inerentes à normalização e legalização de tal Associação, mas quero-me parecer que após um ano decorrido não há motivo aparente para nada de palpável se ter observado. E' muito tempo para tão pouca obra!...

Disseram-me que o Professor Américo, digníssimo ex-professor de Educação Física, da Escola Comercial e Industrial Serpa Pinto de Faro, estava, em Lisboa, há muito, tratando de assuntos afectos à oficialização da dita Associação; mas até hoje, que eu saiba, nada de concreto se realizou e só simples e vãs palavras de entusiastas momentâneos me garantiram que o assunto ainda não morrera de vez.

Li algures um pensamento interessante a respeito já não sei de quê e que dizia: Já viram uma onda? Já a viram erguer-se, acastelar-se de espuma, galgar a superfície vizinha das águas, passar e... morrer?! Pois bem, tal pensamento adapta-se na íntegra ao que que aconteceu no Andebol. Quando realizei o torneio do ano passado e realmente se comprovou o interesse crescente das gentes desportivas, muitos adeptos do andebol, e à frente dos quais se encontravam os Delegados das equipas farenenses concorrentes ao torneio, entusiasmaram-se a tal ponto que quiseram desde logo oficializar a modalidade constituindo para isso a Associação. Foi a Fase em que a onda se ergueu!...

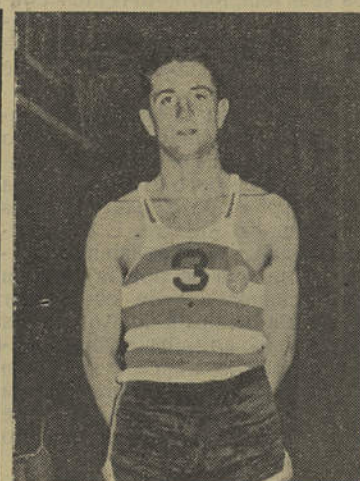
Fizeram-se depois algumas reuniões todas em Faro, e trataram-se de muitos pormenores que interessavam resolver. Foi a Fase em que a onda se acastelou de espuma!...

Depois, a eterna pouca vontade de trabalhar levando de vencida qualquer ideia que se imponha, obrigou o empreendimento a estagnar e por consequência à inércia em que se caiu. E' a fase em que a onda passou!...

E até hoje mais nada se falou a não ser que se trabalha, que se vai trabalhando...

Já lá vai um ano por cima do primeiro Torneio de Andebol Algarvio e parece-me que muito mais tempo ainda vai passar até que o Algarve veja florir no seu campo desportivo as flores mimosas das modalidades pobres. Espero, no entanto, que ao menos um, daqueles, que pareciam inicialmente tão entusiasmados, ao lerem este ou algum dos outros artigos que se têm escrito sobre o mesmo assunto, jogue mão da sua boa vontade e não deixe que a onda morra; antes pelo contrário faça com que outra onda se erga, se acastele de espuma e nunca mais passe para honra e proveito de todos os desportistas algarvios.

Juciano Simão Morais



ANTÓNIO FEU

onde a modalidade é quase desconhecida. Contudo, esperamos apresentar uma equipa de Juniores e talvez uma de Infantis.

— *E quanto aos seniores?*

— Quanto aos seniores o problema apresenta-se mais difícil porque há muito mais dificuldade em iniciar ho-

mens do que jovens na idade ideal para aprender. Contudo a ideia não está ainda posta de parte.

— *Qual é sua posição frente ao Sporting?*

— Por enquanto continuo sendo atleta do Sporting. E' claro que se apresentássemos a linha de seniores e eu jogasse (problema a estudar), não haveriam certamente dificuldades com o meu actual clube.

— *Enquanto conversávamos dirigimo-nos para o Campo de Jogos recentemente arranjado, o qual nos deixou uma impressão excelente. Podemos mesmo afirmar que se trata do melhor campo do Algarve.*

— *Uma série de jovens preparavam-se para o habitual treino. Despedimo-nos de Feu fazendo votos para que as suas aspirações se realizem para bem do Basquetebol Algarvio.*

Frederico Rebello

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

JOGOS OLÍMPICOS PORTUGAL obtêm uma Medalha de Prata

Os irmãos Quina acabam de ganhar para Portugal uma Medalha de Prata, a única até agora conseguida e provavelmente a única que conseguiremos durante estas Olimpíadas de Roma.

Na bela baía Napolitana o Star Má-Lindo, mercê da extraordinária categoria dos seus tripulantes honrou mais uma vez as tradições náuticas do nosso país.

No momento em que todo o Portugal vibra de entusiasmo por tal proeza não quisemos deixar de expressar o nosso agradecimento a tão valerosos desportistas.

Obrigado irmãos Quina!

(Conclusão da 1.ª página)

moralizar e as doenças raramente se tratam só com xaropes; os educadores a quem é preciso dar autoridade para poderem modelar o barro informe que lhe poem entre mãos.

beijá-lo e abraçá-lo limitando-se a um cortê apertado de mão. Sabem os pais destes encontros amorosos de seus filhos que começam numa idade em que os cabelos ainda se não surtiram de todo no fundo das arcas?

Cá por casa já temos atendido a chamadas telefónicas de algumas meninas que pretendem com grave irritação falar a um fedelho que casualmente também tem treze anos.

E até uma menina em idade ainda anterior lhe escrevia afirmando que muito desejava ter de um filho e uma filha.

Não se riam, não tomem o caso à conta de extravagância da meninice. A época actual é de uma turbulência que não permite encarar como é devido, ainda as coisas mais sérias. Vão os pais para o emprego e os filhos para as escolas sem vigilância que lhes limite ou refreie os arroubos dos seus entusiasmos. É vê-los pelas ruas num abandono de atitudes, mãos dadas, quando em pleno bulício se não beijam ou abraçam.

São os cinemas com as salas mergulhadas em escuridão que recebem os parzinhos muito unidos, muito meigos, contando com a

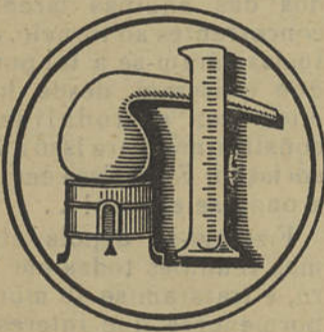
ZONA DE TURISMO

(Conclusão da 1.ª página)

No número de hoje temos o grato prazer de apresentar aos nossos inúmeros leitores a primeira fotografia do projecto da construção desta gigantesca zona turística que conjuntamente com a valorização turística por que está a passar o nosso concelho, será a mais vasta zona de turismo da Europa com características únicas que por si só se recomendarão.

"NOTÍCIAS DO ALGARVE"

VENDE-SE EM LEIRIA na Papelaria VITAL



PRODUTOS QUÍMICOS E INDUSTRIAIS
LUSINDUSTRIA
DESOXIDANTES

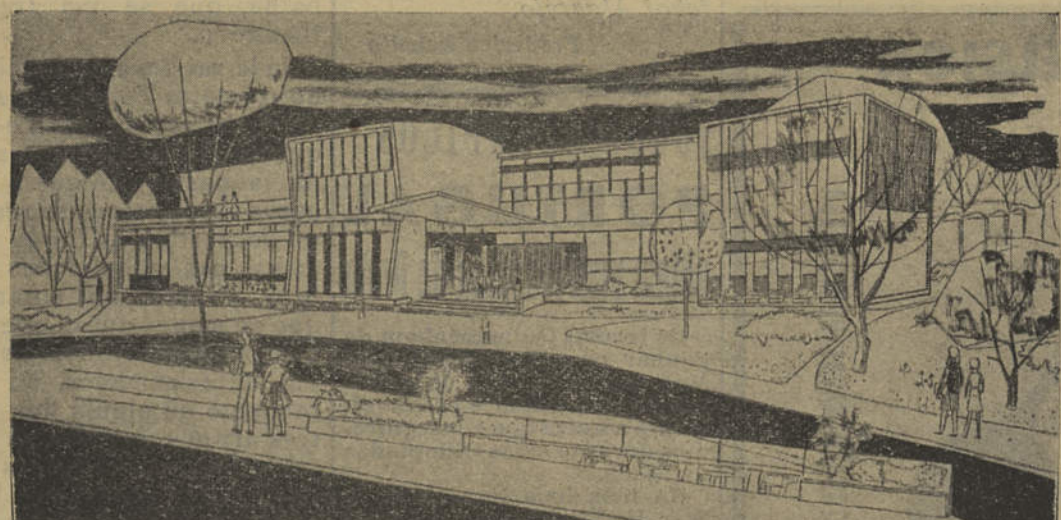
DECAPANTES E DETERGENTES

VIÚVA DE ILDEFONSO VARELA SANCHO

RUA DIOGO CRISTINA, 15 — OLHÃO — TELEF. 326

EXTERNATO DE SÃO BRÁS

SÃO BRÁS DE ALPORTEL — TELEF. 2



EXTERNATO e SEMI-INTERNATO (mixto)

ENSINO PRIMÁRIO — ENSINO LICEAL

Admissão aos Liceus e Estabelecimentos Técnicos

Estão abertas as matrículas até 14 de Setembro

SEMANARIO REGIONALISTA



O INFANTE D. HENRIQUE NA CONQUISTA DAS CANÁRIAS

narração é devida a Nicoloso de Recco, segundo chefe da expedição comandada pelo florentino Angiolino del Tegghia dei Corbizi primo irmão do Gherardino di Gianni.

O relato foi impresso com o título «Monumenti dum manuscrito autografo de Messer Giovanni Boccacci da Gestaldo, trovate ad illustrare da S. Ciampi. «Ticense Gallet 1857».

Tal relação manuscrita foi descoberta em 1827, na Biblioteca de Los Magliabechi (Florença). A referida expedição, que trouxe grandes informes acerca das Canárias, ficou ignorada pelos nossos cronistas.

Sabe-se, no entanto, que partiu de Lisboa e foi paga por Portugal. Ela é um marco miliário na história das Canárias que não pode ser confundida com outra qualquer das expedições posteriores, que tinham o carácter particular,

enquanto esta era oficialmente organizada. As Canárias, no entanto, já haviam sido visitadas pelos portugueses, anteriormente, pois só assim se explica a carta do Rei D. Afonso IV ao Papa, de 12 de Fevereiro de 1345, em resposta à que lhe escrevera de Avinhão, a comunicar que concedera as Canárias, por Bula de 17 de Novembro de 1344, a D. Luís de La Cerda, com o título de Príncipe de La Fortuna. Tal carta foi achada nos arquivos do Vaticano, e nela o Rei D. Afonso IV diz que «os nossos naturais foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas... e que quando cuidavam de mandar uma Armada para conquistar as referidas ilhas com grande número de cavaleiros e peões impediu o nosso propósito a guerra que se ateou, primeiro entre nós e o Rei de Castela e depois entre nós e os sarracenos».

Portugal era o braço forte que repeliu os inimigos da Cristandade. A 30 de Abril de 1341, o Papa dirigia-se assim a D. Afonso IV: reconhecia que com muito sangue derramado de seus súditos, grande risco de tuas pessoas e infinito gasto de tuas fazendas libertaste e arrancaste das mãos dos ditos infiéis o teu reino do Algarve e grande parte do de Portugal reduzindo-o ao culto do nome cristão e à obediência da Santa Igreja de Deus, fundador e dotando as várias igrejas e fortalezas para a defesa destas fundações e repulsa dos inimigos e que os mesmos perdidos inimigos de Cristo por se verem assim expulsos moveram contra os teus ditos «progenitores», assaltos e outros actos de guerra quase contínuos, não só para receberem o reino do Algarve, como para fazerem dano nos ditos reinos de Portugal. Que os teus antepassados não só resistiram a estes ataques mas ainda derrotaram os mesmos inimigos causando-lhes graves prejuízos. Que El-Rei de Portugal, D. Dinis, teu pai de clara memória, que entre os teus progenitores foi dos mais circunspectos na acção e seu acerrimo perseguidor dos ditos inimigos, considerando que o dito reino de Algarve está na fronteira e vizinhança dos ditos inimigos e que seria mais fácil a guerra e de maior dano para os adversários se estes fossem atacados por mar em galés e outros barcos próprios por pessoas detrás na arte de guerra por mar e da guerra naval, nomeou Almirante de seus reinos com grande soldo, o qual mandou construir galés e outros barcos apropriados e tomou gente portuguesa tão experimentada e audaz nas coisas pertencentes à guerra naval pela pratica e exercício que *difficilmente se poderia encontrar outro povo mais competente não só para a defesa dos ditos reinos mas também para a vigorosa repulsa dos inimigos*.

Esta longa transcrição mostrou bem o preço de sangue, de fazenda e o valor da gente portuguesa na defesa da Igreja e do nosso Algarve, o que deseja acentuar.

A D. Afonso IV reconhecia Sua Santidade que o rei dos agarenos lhe mandara oferecer por seus emissários e por cartas diversos presentes e fazer promessas de subsídios com reféns de garantia para não ajudar o «nosso caríssimo filho em Cristo D. Afonso, illustre Rei de Leão e Castela». «E tu recusaste redondamente tais promessas», reconhecia o Papa.

Pois bem. O Papa de Avinhão concedeu as Canárias, que ele não podia ignorar foram objecto das atenções e desejos de D. Dinis e do próprio Afonso IV, a D. Luiz de La Cerda, que herdou nome por um dos seus antepassados ter nascido com um pelo, ou cerda, no peito e, por descender de Afonso X de Castela e S. Luiz de França, país onde nasceu.

Mas tendo-se ele dirigido às Canárias, de lá regressou perante o malogro, não tornando a tentar conquistá-las.

Tanto D. Afonso IV de Portugal, como D. Afonso XI de Castela, protestaram contra a concessão a D. Luiz de La Cerda. O pri-

COISAS & LOISAS DE OLHÃO

(Conclusão da 1.ª página)

de Ferro colocam montes de caixas de peixe na gare destinada aos passageiros. Como estas caixas acondicionam peixe e gelo, formam-se poças do tal género que causam repulsa a todas as pessoas. Quem entra ou sai das carruagens vê-se obrigada a dar banho aos sapatos, o que é lastimável.

Outro aspecto lamentável são as ruas que não têm esgotos nem calçadas.

J. M.

FESTAS DE ALCOUTIM

Realizam-se nos dias 13, 14 e 15 do corrente mês as tradicionais Festas de Alcoutim, que este ano apresentam um largo programa de diversões.

Durante as três noites, no recinto das festas haverá animados bailes, abrilhantados por uma co-nhedida Orquestra.

Pela imponência destas festas e pelo seu variado cartaz, estamos certos que ocorrerão a Alcoutim inúmeros forasteiros.

ESTABELECIMENTO DE ENSINO em S. Brás de Alportel

(Conclusão da 1.ª página)

acabamento é sensivelmente superior ao de alunos sam-brasenses que se deslocavam a Faro. (1)

A concepção desta obra fica devendo-se ao artista olhanense, arquiteto Francisco Modesto cuja implantação estava prevista, primitivamente, para ser realizada em Olhão e que, devido a dificuldades levantadas sobre a sua localização, a vila cubista viu fugir-lhe a oportunidade de ficar beneficiada com tão imperativo melhoramento.

(1) ...contribuindo, de certo modo, para o descongestionamento do elevado número de alunos que frequentam o liceu e a Escola técnica daquela cidade.

FESTAS EM HONRA de Nossa S.ª das Dores

Realizam-se hoje as tradicionais festas em honra da padroeira de Monte Gordo, Nossa Senhora das Dores, muito venerada pela sua população, como protectora da classe marítima.

Dos festejos constam as habituais solenidades religiosas — Missa solene e procissão e as diversões do costume: concerto musical, corridas, fogos de artifício, etc., que ali costumam atrair inúmeros forasteiros.

meiro alegava a proximidade das ilhas, a oportunidade que tinha de as conquistar. O segundo, argumentava dizendo que as Canárias estavam compreendidas na Diocese de Marrocos, sufragâneo do Bispado de Sevilha, mas não disse, evidentemente, o que seria a Diocese e quais os efeitos desta, em ilhas despovoadas ou mal ocupadas sobre as quais não exercia qualquer influência.

Seja como for, o Papa, soberano da Cristandade, não atendeu nenhum dos protestos. Ainda era cedo para se justificar a afirmação seguinte de José Wanguermert y Poggio em «influência do Evangelho na conquista de las Canárias»: «se los Canários nos precisamos de ser espanoles debemos esta gloriosa maternidade à la Iglesia». Por consequência Castela, em 1345, ainda não tinha qualquer sombra de domínio nas Canárias.

J. Nascimento Moura

Continua

- D. Afonso IV enviou uma expedição portuguesa às Canárias no ano de 1341
- A concessão das Canárias a D. Luiz de La Cerda

A FONSE IV, não perdeu tempo e, em 1341, enviou uma expedição às Canárias, cuja

O ENCANTADO REINO DO ALGARVE

O Minho, o Alentejo, a Estremadura, as Beiras ou Trás-os-Montes serão províncias de Portugal, com a sua alma e o seu corpo, o seu carácter e o seu encanto. Mas o Algarve, que vive como nenhuma a poesia de um doce mar — e que, desde que o Sol se levanta e o céu se transforma numa abóboda dourada a descer para a Terra em todos os tons de rosa e comoção até que o Sol se põe numa tranquila morte de lilás, entre todos os perfumes do mar e dos vegetais que o calor torna doces e cariciosos —,

o Algarve é um país diferente. Ao Algarve se chamará com mais propriedade não a província do Algarve mas o reino dos Algarves.

Quem o visite em ritmo de velocidade, para ver as amendoeiras floridas ou comparar a temperatura das suas águas com as das outras praias, sem percorrer-lhe os caminhos, sem lhe espreitar o amanhecer, sem respirar o silêncio das suas tardes, sem se impregnar de solidão do cimo da serra de Monchique, sem visitar os seus templos, indiferente à contínua renovação que há na paisagem — e não quiser esperar da Natureza, não saberá nunca o que é o Algarve.

Toda a festa de luz que irrompe da poesia de João Lucas é o Algarve. Toda a aristocrática sensualidade de ouro e transparência que a prosa de Teixeira Gomes derrama é o Algarve. E o Algarve é ainda e sortilegiamente a terra moura que os poetas amaram entranhamente e de cujo amor deixaram memória... Ao cair da tarde quase notinha, numa pequena rua de Estombar que sobe dum olival para a antiquíssima igreja descobro esta inscrição: «Rua de Ibone Amar, Poeta Arabe, nascido em Estombar».

No mesmo dia, para ver a Igreja de S. Francisco, de Faro, atravessaram um claustro onde parecia governar a paz de Assis. O Verde e o ouro do seu tecto barroco corria para as varandas, para o pulpito, numa toalha onde o

branco marfim tinha o lugar preponderante. Para lá chegar cruzara algumas ruas da cidade. Na cal das casas o sol faiscava. Os arcos de alguns pátios guardavam reminiscências árabes. Branco e amarelo. Muito branco — e o amarelo copiado da cor das areias das dunas. Cansados de sol, queixavam-se em perfume as figueiras e a esteva. Abobodava-se o céu à medida que a tarde caía, tal como acontece ao abrir da madrugada. Este é um país de abóbodas, até nas capelas do mar.

As chaminés de rendas, aguçam-se na transparência do ar. O dia vai ganhar ou perder o seu ouro consoante a hora.

Das janelas talhadas na rocha do Algar Seco vai pelo mar e a caminho do Sol uma estrada cintilante. Vai e vem. Rola sobre tapetes azulados da água do Algarve. Ecoa na falésia como o cantico das descobeatas. Ecoa e troa como as salvas de um canhão em dia de gala. Ecoa nas furnas que se abrem sob a falésia, furnas onde o verde esmeraldino, o azul-petróleo, o azul fortíssimo, todos os tons de rosa e cinza, de ouro e roxo têm as suas gradações. Ecoa nas altas abóbodas onde voejam pombos, e onde parecem frescos que o salitre esverdeou.

Ecoa nas praias interiores que devem ler, com certeza, longas histórias para contar — de idílios, de piratas, de medos...

E, todavia, a água que chega às praias vem doce, lenta e transparente. Se no alto nos debruçamos, vemos-lhe o fundo.

São enigmáticos mosaicos? São arrelvados submarinos? E, donde chegam, de que palácios ocultos, de que ruínas submersas, as pedras que vêm dar à praia?

De um branco quase translúcido de um negro, *tan negro*, que nem o carvão serviria para comparar. Listrados, entre o verde, o vermelho, o castanho, o alaranjado, como corais, como mármore, donde vêm, donde vêm?

Quando se volta de um passeio no mar, com a pele coberta de sal e os olhos deslumbrados e dorida pelos golpes de espada do Sol é como se regressemos de uma bebedeira de luz. Mas bêbedos, no pleno sentido da palavra: a cair de sono e de evasão.

O alfange alaranjado da Lua está fixo no céu e é da cor da fimbria do oceano. O Algarve mouro ganhou mais outro tom para as suas galas. As esculturas persas, assírias egípcias dos rochedos riem-se das inovações de Moore e esperam que os homens as descubram e as interpretem.

Muito tem e terá para contar este encantado reino dos Algarves...

Matercia Freire

(In «Diário de Notícias»)

Visado pela Comissão de Censura